

## **Ateliê de costura: memórias e abordagens que nos permitem o encontro com o antropólogo engajado<sup>1</sup>.**

*Rocha, Leticia Aparecida<sup>2</sup>*

### **RESUMO:**

Ao nos debruçarmos sobre o legado deixado pelo professor Carlos Rodrigues Brandão como antropólogo e educador, no Simpósio Especial da 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, nos propomos ao “tecimento” a muitas mãos, fazermos um ateliê de costuras de suas contribuições acadêmicas enraizadas no cotidiano do mundo camponês e às culturas populares.

Neste ateliê de memórias convido o Ivo Polleto, que conviveu com o professor Carlos Brandão na época da sua fecunda contribuição na formação da diocese de Goiás em 1968, ocasião que fora nomeado como bispo daquela diocese Dom Tomás Balduino, frade dominicano e ativista do MEB em Conceição do Araguaia, bispo reconhecido pela sua forte e significativa atuação na luta pela terra, juntamente com Dom Pedro Casaldáliga, fundador da Comissão Pastoral da Terra.

Até os anos de 1990, Carlos Rodrigues Brandão assessorou projetos de ação pastoral junto as comunidades camponesas, enfrentando todo o peso da ditadura militar. E a partir das memórias de Ivo Polleto quero elucidar a primeira e confirmada constatação, que tenho do professor Carlos Rodrigues Brandão como antropólogo comprometido com as causas do povo.

**Palavra - Chave:** Carlos Rodrigues Brandão; Educador popular; Construção coletiva do saber.

---

<sup>1</sup> "Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)".

<sup>2</sup> Doutoranda do PPGAN-UFMG, Mestra em Desenvolvimento Social pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da UNIMONTES, 2017. Participante do grupo de pesquisa Opará – Unimontes. Pedagoga - PUC-MINAS, 2009. Coordenadora do CPP - MG; Assessora do MPP/MG. E-mail: leticiarocheidp@gmail.com

## **INTRODUÇÃO:**

Ao aceitar o convite para participação na SE 25 - Uma “Antropologia implicada” nos tempos e espaços rurais: homenagem a Carlos Rodrigues Brandão, na sessão 3 - Roda de Conversa: Carlos Rodrigues Brandão: antropólogo e professor engajado tive como motivações:

*a memória das disciplinas isoladas, as quais participei no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social na Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes (PPGDS), em que quase todo ano tinha a oferta de disciplinas com o professor Carlos Rodrigues Brandão. Participar destas disciplinas, acho que foram umas três com ele, foram fundamentais frente a minha decisão de começar a pensar a minha práxis pastoral em 2013 depois de 10 anos trabalhando na Comissão Pastoral da Terra (CPT) no setor de documentação dos conflitos no Campo em MG, na Articulação São Francisco Vivo (ASFV) coordenada pela CPT e Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP) e como agente pastoral no CPP MG desde 2010 - primórdios deste serviço pastoral aos homens e mulheres das águas - comunidades tradicionais pesqueiras - nas barrancas do Rio São Francisco no sertão Norte Mineiro.*

*O conselho que recebi do professor Brandão - um dia pelos corredores da Unimontes quanto eu era uma aluna regular: “ seja uma pesquisadora, mas não abandone a luta do povo” - penso que foi em 2016.*

*E a importante contribuição do professor Carlos Rodrigues Brandão na formação de liderança da diocese de Goiás por mais de 20 anos como assessor. Para este ponto, solicitei ajuda do Ivo Poletto - através de entrevistas - que trabalhou diretamente com o Brandão na assessoria a diocese de Goiás. Quero seguir a ordem cronológica dos meus primeiros contatos e convivência com o professor Brandão e não o caminho linear dos fatos que me motivaram.*

Então, boas-vindas ao nosso ateliê de costura, o qual possui “tecidos diversos: memórias, fatos e abordagens acadêmicas”.

### **Carlos Rodrigues Brandão educador popular e antropólogo engajado**

Juntamente com muitos outros(as) pessoas, tivemos a oportunidade de participarmos das disciplinas isoladas do PPGDS - ofertadas pela professora Andréa

Rocha Narciso de Paula com o convidado especial - o professor Carlos Rodrigues Brandão, que sempre apontava como exigência que as aulas acontecessem às margens do rio São Francisco. Ele era fascinado pelas “gentes” do rio São Francisco. Bem me lembro de ter lido que o Brandão, em 1990 - em uma das várias participações em eventos sociais e acadêmicos – ele afirmara que escolhia estar sempre em lugares e com gentes bonitas, o que enchia a vida de vida ( GUIMARÃES, 2021), Ele nutria uma afeição especial pelas gentes das barrancas do “Velho Chico”.

Recolho na memória que as temáticas: metodologia, a diversidade das comunidades tradicionais do Norte de Minas - em diálogo com as abordagens antropológicas, sempre permeavam as suas aliciadas aulas. Aliás, suas aulas sempre apresentavam características de: “viagens de Campo”, ensaios de trabalhos de educação popular, um adentrar-se no “Ser - tão”, um convite a acolhida do “dever” que, de algum modo, contagiava a quem se permitisse, a construção amorosa e comprometida com as pessoas e o seu lugar.

Situação compreensível, pois como afirmou no seu poema “Tudo e Eu” – do livro O jardim de todos (ano), vivia nele ( vive em seu legado a nós deixado) o fio do bem da força que, tudo tece e une tudo”.

Vive em mim  
o fio de seda  
do bem da força  
do amor de tudo.  
Eu vivo nele:  
no fio que fia  
e tudo tece  
e une tudo  
e em tudo junta  
um lado e o outro  
e vive em tudo...

### **Brandão, o Educador Popular**

A descrição da pesquisa participante como a construção coletiva de um grupo ou comunidade que ao aprofundar o conhecimento da sua realidade social identifica ações sociais que permitam mudar, alterar a sua realidade, tendo como saber resultante da experiência, autorias compartilhadas (Brandão, Borges, 2007) está lastreada na trajetória de Carlos Rodrigues Brandão.

O conceito “pesquisa participante” cunhado por ele (BRANDÃO,2006) possui lastros na práxis de sua vida, compreendida e experimentada na construção de si, do

outro e das condições objetivas de vida, processo propulsor de uma educação emancipadora e colaborativa para com a consolidação, ou pelo menos aproximação de uma sociedade com fortes princípios de justiça social.

Guimarães (2021) em seu dossiê entrevista, rememora a trajetória de Brandão, a qual se relaciona com o direito à saúde que o Brasil apresenta hoje, o Sistema Único de Saúde. Esse está relacionado ao tempo de assessor na diocese e de Goiás, que juntamente com camponeses, profissionais da área da saúde e educação, de modo participativo, fora construindo o sentimento emancipatório de que a saúde é direito de todos e portanto, obrigação do estado brasileiro.

A sua compreensão, profundamente arraigada na tradição, latino-americana, de que a ciência nunca é neutra e a sua construção está na busca coletiva de conhecimentos que torne a pessoa mais instruída e sábia, mas também justa, livre, crítica, participativa e co-responsável (GUIMARÃES, 2021, p.5), capaz de ler o mundo (FREIRE, 1989), corroborara com a condição de antropólogo engajado, com profunda sensibilidade no reconhecimento dos saberes tradicionais.

Atualmente, Haraway (2009), dentro de uma antropologia contemporânea, vem tensionando a necessidade de que, a academia adote a objetividade como saberes situados, onde o fazer científico assuma as diversas forma de produzir saberes oriundos de comunidades epistêmicas com seus diferentes sujeitos de pesquisa, traduzindo suas realidades. E neste, sentido é importante lembrarmos que a “objetividade não diz respeito a des-engajamento, trata de um estruturar mútuo e comumente desigual, trata-se de assumir riscos num mundo no qual "nós" somos permanentemente mortais, isto é, não detemos o controle "final" (HARAWAY, 2009, p. 41).

A militância na Juventude Universitária Católica (JUC), a participação no - Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) - em seu estado de origem Rio de Janeiro, o curso de psicologia em 1962 - sempre próximos de uma psicologia social (PEREIRA, 2017, p.57) e sua adesão ao Movimento de Educação de Base em 1963 (MEB) fortalecera a sua opção política social de esquerda, e isto o conecta com o florescer da diocese de Goiás. E também o seu coração, que escolheu como companheira Maria Alice, sua esposa.

**Pelo que conheço, a ligação de Carlos Rodrigues Brandão com a Diocese de Goiás teve duas origens: seu casamento com Maria Alice, uma jovem de Mossâmedes, um dos municípios da área da Diocese, e sua relação, por ser carioca, como o CEDI, Centro Ecumênico de Documentação e Informação, onde Dom Tomás Balduino encontrou assessoria e apoio fundamentais para sua missão (Entrevista com Ivo Poletto, abril de 2024).**

O professor Brandão, a convite de Dom Tomás Balduino, bispo de Goiás, esteve presente no florescer da diocese, através da assessoria ao processo de formação de lideranças rurais, onde colaborou com assessor externo por mais de 20 anos (POLETTTO,2024).

A sua percepção e incentivo quanto a agência dos sujeitos, em situação de pesquisa, logo participantes da mesma, é anterior a sua pós graduação em antropologia. Como um dos sujeitos disseminadores da educação popular, por todo o Abya-Yala<sup>3</sup>, Brandão levou consigo o compromisso de uma educação emancipadora para a sua formação em antropologia e para os processos sociais, nos quais participara, isto constatamos, ao revermos os relatos sobre sua caminhada de assessoria junto a diocese de Goiás, conforme aponta Ivo Poletto em entrevista:

**Creio que foi a pesquisa de Carlos sobre as culturas de comunidades negras, realizadas em Goiás e outras regiões do estado, que para ele eram fonte de elaboração para seu curso de Antropologia, que serviram para alertar a Diocese de que havia necessidade de maior conhecimento e diálogo com culturas, religiões e práticas populares. Sem isso, não se poderia avançar no trabalho de Educação Popular, e especialmente de pastoral popular (Entrevista com Ivo Poletto, abril de 2024).**

Neste sentido, podemos identificar no processo de formação das lideranças da diocese de Goiás, a situação de construção mútua, das lideranças e do Antropólogo engajado Carlos Rodrigues Brandão, bem como de lastros de direitos constitucionais, a partir dos saberes localizados das lideranças e do educador popular.

**A confirmação de sua contribuição à pastoral social libertadora, diretamente ligada à educação popular, se deu em sua assessoria à pesquisa participante ligada à saúde da população. Duas expressões, que Carlos elabora a partir de sugestões de pessoas no processo participativo e mobilizador, tornaram-se muito conhecidas: lamparina e meio grito. Lamparina foi o título da cartilha que dinamizou a pesquisa participante, e meio grito foi o título dado ao relatório de todo o processo, indicando que até aquele momento os/as participantes e as mobilizações realizadas tinham dado um grito importante, mas ainda era um meio grito, indicando a necessidade da continuidade para chegar ao grito inteirado. Não há dúvida que esse processo contribuiu significativamente para os avanços em relação ao SUS e aos direitos conquistados nas mobilizações em favor do reconhecimento de direitos na Constituição de 1988.(Entrevista com Ivo Poletto, abril de 2024).**

---

<sup>3</sup> ABYA YALA, na língua do povo Kuna, significa Terra madura, Terra Viva ou Terra em florescimento e é sinônimo de América. A expressão Abya Yala vem sendo cada vez mais usada pelos povos originários do continente objetivando construir um sentimento de unidade e pertencimento. Disponível em: <<https://iela.ufsc.br/projeto/povos-originarios/abya-yala>>. Acesso em 27 de maio de 2024.

Como afirmara Clifford (1986a) os sujeitos (pesquisadores e pessoas ou grupos em situação de pesquisa) constroem a “representação etnográfica de verdades parciais” a partir de seus engajamentos no mundo. Por esta acepção, inferimos que o processo de assessoria, a práxis da pesquisa participante, junto as lideranças da diocese de Goiás, resultou na construção coletiva de saberes sociopolíticos emancipatórios e, certamente, corroborou com a consolidação do antropólogo Carlos Rodrigues Brandão em bases não colonialistas.

Assim podemos afirmar que, o Educador Popular, Carlos Rodrigues Brandão, ao trilhar pelo caminho da ciência antropológica, já tinha como ideário a ética discursiva - propositada pelo antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (2004) - como postura metodológica, que mais se afina com a investigação das questões éticas que nos defrontamos no exercício da profissão antropológica, no esforço de tradução de sistemas culturais, ou seja, a escolha do caminho dialógico entre as partes envolvidas em uma pesquisa.

**Apenas para fazer outro destaque, lembro da dedicação de Carlos em todas as etapas de outra pesquisa participante realizada pela Diocese, agora com o objetivo de constatar as mudanças ocorridas nas condições de vida da população, com destaque para as mudanças religiosas e políticas, e a relação disso tudo com a continuidade da missão da Diocese. Lembro, por exemplo, no relatório final, fruto de todo o processo participativo, incluindo os debates a partir dos dados levantados, Carlos destacou os *graus de pertença e participação nas práticas e vivências cristãs católicas*: identificou e descreveu em torno de 13 diferentes grupos, localizados entre as pessoas que se identificavam e militavam na perspectiva da pastoral proposta pela Diocese vinte e quatro horas do dia e, no outro extremo, as que não participavam em nada, talvez uma vez ou outra aceitando serem padrinhos de crianças, mas continuavam se declarando católicas. Isso provocou um rico debate em relação às estratégias e metodologia da ação pastoral (POLLETO, 2024).**

Neste sentido, o Antropólogo, Carlos Rodrigues Brandão, é por mim, e certamente por uma fileira de sujeitos acadêmicos, militantes sociais e educadores sociais etc, uma referência de antropólogo que soube basear o seu caminho etnográfico no “agir comunicativo” (OLIVEIRA,2004), compreendendo que, no caminho etnográfico das pesquisas, a busca de conhecimento, acontece por parte de ambos, pesquisador e sujeito em situação de pesquisa, bem como, pela vida e demanda próprias desses sujeitos.

Em entrevista, Polleto (2024) insiste na importância da postura e orientação de Carlos Rodrigues Brandão, de defesa da necessidade dos pés estarem constantemente

arraigado ao chão concreto, principalmente em relação as mediações com que as pessoas expressavam sua religiosidade, avançando permanentemente a metodologia da educação popular e da ação pastoral social.

Contemporâneo de Paulo Freire, Brandão compartilhava com ele a assertiva de que a realidade concreta nunca é apenas o dado objetivo, o fato real, mas também a percepção que dela se tem (FREIRE, 1984, p.51). Entretanto, há que se ater aos princípios éticos do e no processo do conhecimento dialógico, que não nega a dimensão de classe, que perpassa a dimensão política da construção do conhecimento, caracterizando a ausência da imunidade e isenção na produção do saber.

A partir, da orientação desta gramática não colonialista, ele contribuiu qualitativamente para que a diocese se mantivesse com a abertura e compromisso social com bases na teologia da libertação, que marcara o bispado de Dom Tomás Balduino, em todo o tempo que esteve à frente da diocese de Goiás.

A diocese já nos inícios dos anos de 1970, com a assessoria do CEDI havia realizado uma pesquisa sobre as condições de vida da população e a relação da experiência religiosa com a vida concreta. Este trabalho serviu de referência científica ao documento publicado em 1973, “Marginalização Social, o Grito das Igrejas”, assinado por bispos do Centro Oeste, entre eles Dom Fernando Gomes, arcebispo de Goiânia, Dom Tomás Balduino e Dom Pedro Casaldaliga ( POLLETO, 2024).

Carlos Rodrigues Brandão e Dom Thomás Balduino são sujeitos importantes para a história brasileira. A convivência e acolhida da assessoria de Carlos Rodrigues Brandão por parte de Dom Thomás, nos sugere uma parceria solidária junto as lideranças rurais, aos Povos e Comunidades Tradicionais da diocese de Goiás. Em uma das aulas do Brandão em Pirapora, lembro-me dele ter relatado algo sobre visitas à povos indígenas, com o Dom Thomás em seu helicóptero, adquirido para garantir o acompanhamento à estas coletividades tradicionais. Ali, eu já inferia a riqueza deste encontro, desta amizade.

Por isto, uma questão que apresentei, na entrevista com o Ivo Polleto, foi sobre como ele descreveria a ação e amizade social destes dois importantes sujeitos paradigmáticos da história brasileira (Dom Thomás Balduino e Carlos Rodrigues Brandão). Polleto, respondeu à solicitação de descrição da ação e amizade social confirmando sua convicção de que, se ambos fossem convidados a responderem esta pergunta, afirmariam: “eu ganhei mais nessa amizade e parceria”.

A afirmativa de Polleto, quanto a possível resposta destes dois grandes mestres, encontra anuência profunda por parte de quem os conheceram, pois o altruísmo e empatia movimentavam suas relações e ações. Para o meu entrevistado, o ambiente aberto e acolhedor oferecido por Dom Tomás e sua diocese ao trabalho de pesquisa, de diálogos sobre metodologia de educação e de estudo das contribuições antropológicas de Carlos significaram imenso estímulo ao trabalho do professor. Por outro lado, as contribuições de Carlos à missão de Dom Tomás foram igualmente significativas.

**....a proximidade de visão e de paixão pela riqueza das culturas dos povos originários, dos quilombolas e demais comunidades tradicionais sempre estiveram presentes nas relações de cooperação entre estes dois grandes mestres da educação e pastoral popular libertadora. E tem sido um privilegiado, ter tido a oportunidade de conhecer, conviver, atuar e esperar junto com os dois (POLLETO, 2024).**

O Educador popular Carlos Rodrigues Brandão ao defender a construção coletiva de saberes, infere possibilidades políticas da construção de uma sociedade inclusiva, pois o “conhecimento é poder”( FABIAN, 2013, p.39) Como antropólogo comprometido com as causas do povo, soube acolher a coletaneidade (FABIAN,2013) daqueles que foram colocados como sujeitos de suas pesquisas antropológicas.

Para Brandão os “outros” não se encontravam longe físico e socialmente de nós, sociedade envolvente. Estes “outros” são sujeitos ativos, com suas alteridades étnicas, quase sempre em processos de ressignificações políticas, sempre ativas. Como antropólogo assumiu o trabalho antropológico, na dialogicidade do Educador Popular que era - assumindo os efeitos do engajamento, que são demandados da relação social empreendida na etnografia.

Tive a oportunidade nas aulas com professor Brandão, perceber e algumas vezes conviver, com um significativo número de orientandos do Carlos Rodrigues Brandão, que quase sempre resultaram além das pesquisas, laços de amizades profundas. Sempre sementes difusoras de sonhos, esperanças e possibilidades.

Gratidão é a palavra que trago para a nossa roda de conversa neste simpósio especial em sua homenagem. Professor Carlos Rodrigues Brandão, obrigada pela sua trajetória na construção de um conhecimento solidário a tantas gentes encontradas em seu peregrinar terrestre, você me inspirou a parar e pensar a minha prática, depois de 10 anos de trabalho como educadora social na Comissão Pastoral da Terra e Conselho Pastoral dos Pescadores!



E obrigada por aquela orientação que sussurrou em meus ouvidos, um dia em que caminhávamos pelos corredores da Unimontes: *“Leticia, torne-se uma pesquisadora, mas não abandone a luta do povo!”* Naquele dia, você me presenteou com o livro de sua autoria: *“História do menino que lia o mundo”*. Sim, mestre Brandão, eu quero ser uma pesquisadora das lutas populares sem perder a condição de sujeito coletivo em processos de resistência, buscando fazer do “mundo” um lugar bom de viver!

Tal, orientação trago agora para o meu processo de doutoramento em antropologia. O diálogo com a Mary Strathen (2013) me fazem lembrar de suas orientações, de aprofundamento dos conceitos contemporâneos no diálogo com os cânones antropológicos, mas sempre atenta a tarefa de deixar emergir novos caminhos, técnicas e intersecções para uma antropologia reflexiva, a partir do contexto onde se situa, ou seja, a partir do chão da realidade. As culturas são múltiplas e cada cultura só pode ser densamente compreendida de dentro para fora.

Ao reler e dialogar com uma de suas colocações em um encontro de educação popular no Rio Grande do Sul, publicada como: *“Educação Popular e Pesquisa participante, um falar algumas lembranças, alguns silêncios e algumas sugestões”*, penso em você, dando, ainda continuidade naquele conselho, iniciado nos corredores da Unimontes em 2017: *‘... torne uma pesquisadora, sem abandonar a luta do povo’*. No meu cotidiano continuo a me incentivar: *escolha está na liminariedade<sup>4</sup> dos “círculos acadêmicos e em territórios culturais”, ou seja, nos entre espaços, fronteiras liminares. Cultive a esperança original de confiança não “no que virá”, mas do que junto àqueles a quem nos colocamos juntos na caminhada, saberemos ainda um dia construir. “Na saia do clima permanente de observação participante” inseridas nas lutas do povo. Condição assumida por você pós “aposentadoria”*.

No panteão dos educadores populares brasileiros encontramos Paulo Freire, Orlando Fals Borda, você, entre outros. Seu legado nos estimula a estarmos “continuamente em situação de pesquisa participante”, condição em que gostava de sempre se identificar e da qual, penso, descrever bem o compromisso de um agente de pastoral social; torna substantiva a sua proposta de pesquisa participante, do mesmo modo que a sua fecunda e amora presença nos 83 anos em nosso meio.

---

<sup>4</sup> C.f. NOLETO, Rafael da Silva & ALVES, Yara de Cássia. “Liminaridade e communitas - Victor Turner”. In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2015. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/liminaridade-e-communitas-victor-turner>> acesso maio de 2024.

## Referências:

BRANDÃO, C. R. **A pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina.** In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. Pesquisa participante: a partilha do saber. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006, p. 21-54.

BRANDÃO, C. R. "Tudo e Eu" – **O jardim de todos.** Disponível em <<https://apartilhadavida.com.br/>> Acesso em 15 de maio de 2024.

BRANDÃO, C. R.; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. In\_ Rev. **Ed. Popular**, Uberlândia, v. 6, p.51-62. jan./dez. 2007. Disponível em <<https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/>> Acesso em 15 de maio de 2024.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O mal estar da ética na antropologia prática.** In: VÍCTORA, OLIVEN, MACIEL & ORO (orgs). Antropologia e Ética: o debate atual no Brasil. Niterói: AB A/EDUFF, 2004. Disponível em: <[http://www.aba.abant.org.br/files/7\\_0012267](http://www.aba.abant.org.br/files/7_0012267)> Acesso em 15 de maio 2024.

FABIAN, J. **O Tempo e o Outro: Como a Antropologia Estabelece seu Objeto.** 1ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

FREIRE, P. **A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. **Ação cultural para a liberdade.** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 173 p

CLIFFORD, J. **"Introdução: Verdades Parciais"**. In: Clifford, J. e Marcus, G. (Org.). A escrita da cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ/ Papéis Selvagens, 2016 [1986], p. 31-61.

HARAWAY, D. **"Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial"**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/>>. Acesso em 27 de maio de 2024.

GUIMARÃES, S. **Por uma entrevista transgressora com Carlos Rodrigues Brandão.** In\_ Dossiê: Entrevista. PÓS, vol. 16, nº 2, 2021. Disponível em <<https://www.periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/>>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

PEREIRA, B. M. **Carlos Rodrigues Brandão: formação, multilinguagens e pluriolhares de um educador.** In\_ História Oral, v. 20, n. 1, p. 55-75, jan./jun. 2017. Disponível em <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/692> >. Acesso em 15 de maio de 2024.

STRATHERN, M. [1986]. **Fora de Contexto: as ficções persuasivas da antropologia.** São Paulo: Terceiro Nome, 2013, 160p.

\_\_\_\_\_. **"O efeito etnográfico"**. In: O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo, Cosac & Naify, 2014.